

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA CULTURA ESCOLAR ESAVIANA

Anderson da Cunha Baía, UFU/CAPES

andersonbaia@yahoo.com.br

A Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa nasce no seio de uma pequena cidade, do interior de Minas Gerais, localizada na Zona da Mata Mineira, próximo à região aurífera do Estado. Chama-nos a atenção o surgimento de uma Escola, pautada nos métodos modernos de agricultura, pleiteando uma educação liberal, numa pequena cidade de Minas Gerais na segunda década do século XX. A população que a habitava era constituída, inicialmente, por índios. Teve sua colonização concretizada pela união de famílias que se deslocaram da região aurífera, fixando às margens do rio Turvo, somando aos estrangeiros que lá chegaram à busca de terras produtivas. Paniago (1990) nos revela que a comunidade viçosense é resultado da fusão de índios, negros e colonizadores portugueses, somados a outras pessoas que se deslocaram para esta região em busca de melhores condições de cultivo da plantação. A autora ainda explica que:

Há um consenso entre vários autores, quando situam os primórdios da colonização de Viçosa no princípio do século XIX, isto é, a partir de 1800, e dão à maioria das famílias pioneiras como oriundas das zonas auríferas de Ouro Preto, Mariana e Piranga. Esses primeiros colonizadores fixaram-se às margens do rio Turvo, abrindo as primeiras sesmarias e formando as propriedades rurais que deram origem a um pequeno núcleo populacional, o qual seria o berço da atual cidade de Viçosa (Paniago, 1990:80).

Formaram-se pequenas sesmarias à beira do Rio Turvo, dando impulso ao processo de produção naquela região, formando, inicialmente o povoado que posteriormente receberia o nome de Viçosa. Santa Rita do Turvo foi a denominação inicial do povoado, em 1800. Esta denominação se deve, segundo Paniago (1990:80-81), a um dos moradores, o Padre Francisco José da Silva, que solicitou ao bispo de Mariana da época, D. Frei Cipriano de São José, uma licença para criar uma ermida com o nome de Santa Rita, que era a Santa de sua devoção. Pouco tempo depois, a ermida passaria à capela de Santa Rita dando o

nome ao nascente povoado, juntamente com o nome do rio que atravessava o povoado – Turvo; atendendo o povoado por Santa Rita do Turvo. Para chegar à denominação de Viçosa, o povoado esperou por quase 80 anos, quando em 1871 a “*freguesia de Santa Rita do Turvo foi elevada à categoria de Vila, com a mesma denominação*¹”. Somente em 1876 temos a vila passando a categoria de cidade, recebendo o nome de Viçosa de Santa Rita.

Viçosa, desde sua colonização, portadora de um solo fértil para a plantação, sobrevivia da agricultura. Plantava-se principalmente algodão, café e cana-de-açúcar, juntamente com outros alimentos necessários ao cotidiano, como: arroz, feijão, mandioca e milho. Como não estava incluída nas cidades auríferas da região, destinava-se à plantação para sua própria sobrevivência e para abastecer, juntamente com outras cidades na mesma condição, à região que se dedicava exclusivamente à extração do ouro: “Nos primórdios da colonização, Viçosa e outras regiões tinham por objetivo principal abastecer os centros mineradores de Ouro Preto e Mariana com produtos necessários à sobrevivência, em falta nas lavras: arroz, feijão, milho, mandioca e outros” (Paniago, 1990:28). Mesmo Viçosa produzindo toda esta variedade de produtos, o café foi por muito tempo a maior fonte de renda do município. Entretanto, a conformação geográfica de Viçosa, pautado num relevo acidentado, dificultava a mecanização intensiva da lavoura; o que levou a um número elevado de pequenos produtores. Em menor escala, observa-se a pecuária com grande produção de leite que se dava de maneira extensiva.

Como marco principal do progresso de produção na região, temos a chegada da estrada de ferro à Viçosa. Tal ferrovia facilitou o escoamento para outras regiões, incentivando cada vez mais a produção cafeeira na região.

Na região de Viçosa, sua expansão parece coincidir com a chegada dos trilhos da Estrada de ferro Leopoldina, principal via férrea da Zona da Mata e grande fator de integração de seus municípios. Isto é bastante compreensível, pois o transporte executado por meio de tropas de mulas e carros de bois, através de caminhos montanhosos, era não só dispendioso como arriscado; gastavam-se meses de viagem para cobrir distâncias relativamente pequenas. Assim, a E. F. Leopoldina, quando galgou a serra de São Geraldo, atingindo Ponte Nova, em

1886, passando por Viçosa, funcionou como incentivo para o aumento da plantação cafeeira na região. (Paniago, 1990:29-30)

Observa-se que a ESAV nasce num cenário em que o progresso já estava se instalando. A estrada de ferro facilitou o contato com outras regiões e modernizou o meio de transporte, o que além de arriscado, fazia-se caro e demorado, transformando-se num entrave para a produção em massa, necessária para o progresso da região.

Quando esgotou a exploração aurífera na região, necessitava-se de outra fonte de renda para manter as pessoas estabelecidas naquela região. O café e a pecuária se davam de forma empírica, ou seja, sem uma produção quantitativa suficiente para elevar o município de Viçosa à categoria de grande produtor. Esta era uma preocupação do governo de Minas Gerais, o qual necessitava de um estado forte para fazer frente a São Paulo – política do café com leite, uma vez que se tratava das duas potências nacionais em termos políticos e econômicos da época. Buscando este fortalecimento, o presidente de Minas Gerais, Arthur da Silva Bernardes, buscou a criação de uma Escola agrícola, baseada em modernas tecnologias: nasce assim, a ESAV. *“(...) a não-existência de tecnologias nacionais capazes de impulsionar a economia mineira fez com que o governo de Minas buscasse na importação de método e cientistas americanos uma solução para a construção de uma escola”* O discurso nos mostra que a falta de uma agricultura baseada na ciência e em métodos modernos eram sentidas na região de Minas Gerais, e para resolver este problema era necessário à importação de técnicas de um país que já sobressaia neste campo do conhecimento: Estados Unidos.

Entretanto, Lopes (1995) cita France (1992), nos atentando para que compreendamos que o movimento de criação da ESAV não deve ser entendido de forma linear, simplesmente como consequência da decadência do ouro e da crise cafeeira da região da Zona da Mata. Inicialmente, a produção da Zona da Mata sempre foi marcada pela policultura, mesmo no momento de grande explosão de produção cafeeira; além de Minas se encontrar em segundo lugar na produção cafeeira do país, concentrando sua maior produção na região sul do Estado, entendendo, desta forma, que o fator econômico por si só não explica a necessidade da criação da ESAV na Zona da Mata. Entretanto, muitos autores não procuram compreender que naquele momento histórico Minas Gerais

possuía o maior colégio eleitoral, facilitando a eleição de presidentes que eram complacentes com a criação de uma agricultura forte na região, contribuindo para o progresso do Estado a nível nacional. Desta forma, Lopes (1995:22) entende “*que a criação da escola é um empreendimento do governo mineiro*”.

Mesmo entendendo a criação da ESAV como um ato político, não podemos glorificar o ato do presidente do Estado de Minas Gerais como um político a frente de seu tempo por pensar numa Escola agrícola para aquela região. A busca por criar instituições agrícolas nos Estado de Minas Gerais já vinha se concretizando no governo anterior ao de Arthur Bernardes. Capdeville (1991) mostra a criação de 3 instituições agrícolas no Estado de Minas Gerais anteriormente à ESAV: Escola de Agronomia e Medicina Veterinária de Belo Horizonte (1914); Escola de Agronomia e Pecuária de Passa Quatro (1917) e Escola Superior de Agricultura de Lavras (1908). Portanto trata-se de um movimento histórico, em que o mérito de Arthur Bernardes encontra-se em ter se preocupado em buscar um modelo de ensino para a ESAV – dos Land Grant Colleges, nos Estados Unidos, país que se destacava no âmbito da moderna agricultura da época.

Entendido que a criação da ESAV foi um movimento do Estado de Minas, pergunta-se: Porque em Viçosa? Vários autores afirmam que a criação da ESAV, em Viçosa, se deu pelo fato de Arthur Bernardes ser filho viçosense. Uma autora citando uma frase popular do presidente do Estado de Minas Gerais nos mostra que o mesmo havia induzido o encarregado da construção da ESAV – Professor Rolfs, a levar a instituição para Viçosa, recomendando que “*pode instalar a escola em qualquer lugar do Brasil, desde que seja em Viçosa*”.

Entretanto, um esboço histórico, contendo falas oficiais, nos mostra que foi criado uma comissão, “*constituída do então diretor de Agricultura da Secretaria do Estado, Dr. Álvaro da Silveira e do Dr. P. H. Rolas auxiliados pelos Drs. Arduino Bolívar e Mario Monteiro Machado*”. Ressalta-se que os dois primeiros membros estavam diretamente vinculados a Arthur Bernardes e os dois últimos eram famosos proprietários rurais da região, que provavelmente pretendiam que a escola ficasse naquela região. Como resposta da comissão à análise das terras, o Dr. Álvaro disse que: “*Dos terrenos que visitei nas vizinhança de Ubá, Rio*

Branco, Viçosa e Ponte Nova, prestam-se, a meu ver, melhor os denominados 'Maria Luzia', situados a pequena distancia de Viçosa". Já o professor Rolfs diz que: "tomando a questão sob todos os seus aspectos e estudando-a em seu conjunto, não há dúvida de que Viçosa é o melhor dos quatro logares para localização da Escola Superior de Agricultura e Veterinária". Nota-se que só encontramos a resposta dos dois primeiros representantes da comissão, os quais estavam diretamente ligados a Arthur Bernardes, não tendo sinal dos outros dois membros da comissão. Será que não foram consultados sobre o melhor local? Será que não interessava a opinião deles? Será que sua resposta não foi na mesma direção dos dois primeiros? Os silêncios podem nos indicar fatos que não encontraremos nas fontes oficiais...

"Sinais" Da Cultura Escolar Esaviana

"Sinais" da cultura escolar esaviana são o que proponho contextualizar. "Sinais" significam vestígios, traços, uma pequena mancha. Cultura escolar é muito mais que sinais. Penso em cultura escolar no sentido atribuído por Viñao-Frago (1995) in VAGO (2002:14), para o qual esta representa um:

conjunto de aspectos institucionalizados – incluye practicas y conductas, modos de vida, hábitos e ritos – la historia cotidiana del hacer escolar – objetos materiales – función, uso, distribución em el espacio, materialidad física, simbologia, introdução, transformação, desaparición [...] – y modos de pensar, así como significados y ideas compartilhadas. Alguén dirá: todo. Y sí, está cierto, la cultura escolar es toda la vida escolar: hechos e ideas, mentes e cuerpos, objetos y conductas, modos de pensar, decir y hacer. Lo que sucede es que en este conjunto hay algunos aspectos que son mas relevantes que otros, en el sentido de que son elementos organizadores que la conforman y definen.

Observa-se que cultura escolar representa toda a vida escolar, incluindo estrutura física, administrativa, os corpos que ocupam aquele espaço, as ideologias transmitidas nas aulas, o cotidiano... O autor sintetiza com uma simples palavra: "*todo*". Restringirei aos aspectos que permitirão dar uma idéia geral da estrutura acadêmica e do cotidiano da instituição, montando um ambiente escolar constituindo-se em uma rede de informações que possibilitará a

compreensão de fatos colocados nos capítulos seguintes.

A Escola Superior de Agricultura e Veterinária nasce com o intuito de revolucionar o ensino agrícola nacional através de técnicas modernas, baseando-se no modelo dos Land Grant Colleges. Para isso, o professor Peter Rolfs, ao chegar à ESAV, sentiu a necessidade de formar um quadro docente qualificado para implantar o modelo de agricultura almejado, visto que se tratava de um alto investimento do governo de Minas Gerais, necessitando de uma forte base de recursos humanos, incluindo professores, para que se colocasse em prática o modelo inovador de agricultura que se estava importando. Começou contratando um brasileiro, que havia estudado agronomia em Missouri, nos EUA, e falava fluentemente o Inglês – Diogo Alves de Mello. Os professores de Fitopatologia, Entomologia e Zootecnia vieram dos EUA. Para a Química, foi contratado o Alemão Dr. Guilherme Emmerich. Para Laticínios foi chamado um Dinamarquês, o Dr. Beck Andersen.

Contemporaneamente ao nascimento da ESAV, temos a criação de outras instituições agrícolas no Brasil e observa-se que também se preocupavam com a constituição de um quadro docente forte, coeso, reforçando a idéia de que para se implantar um bom modelo agrícola, necessita-se de uma boa “mão” para aplicá-lo. Nesse sentido, Capdeville (1991:74) nos remete as Escolas de Agronomia e Veterinária em Pernambuco, mostrando que “além de trazer profissionais abalizados para formar os futuros professores, vários monges foram enviados à Europa para especializar-se em diversas áreas”.

A formação deste quadro docente exigiu a vinda de professores de várias partes, do Brasil e do mundo, os quais trouxeram consigo um conjunto de hábitos, comportamentos e práticas culturais diversas, incluindo a esportiva que contribuiu para formar uma cultura tipicamente esaviana, a qual, por sinal, vai influenciar a cultura viçosense. Entendendo esta formação cultural híbrida esaviana, podemos pensar não apenas nos professores de diferentes países, mas somam-se alunos e professores de diversas regiões do Brasil, além de funcionários e alunos da própria Viçosa. Este conjunto de práticas e valores vai formar a cultura esaviana, a qual cultivou anos a fio o “espírito esaviano” nesta instituição.

Formado o quadro docente, vamos pensar nos cursos. A ESAV nasce oferecendo 3 modalidades de cursos: Elementares, médios e superiores. Os elementares referem-se a cursos de 1 ano destinados ao preparo de agricultores e capatazes, compreendendo o ensino de agricultura e veterinária, com predominância do ensino prático, não necessitando de formação anterior. Já o médio, necessitava-se ter concluído o grupo escolar, sendo necessário 2 anos de estudos, destinado à formação de técnicos agrícolas e administradores rurais. Já o curso Superior destinava-se a formação de profissionais da Agronomia e da Veterinária, sendo realizado em 4 anos com ensinamentos teórico-prático “*integral das matérias indispensáveis ao exercício dessas profissões*”, tendo para ingressar neste curso que ter completado o curso ginasial.

É importante frisar que no primeiro ano de funcionamento da ESAV – 1927, não foi oferecido o curso superior de agronomia, mas somente o elementar e o médio; sendo que curso superior de Agronomia foi inserido em 1928 e o superior de Veterinária somente em 1932. Com o funcionamento do curso elementar e médio, temos a presença de 5 alunos no primeiro e 20 no segundo, sendo que dos 5 alunos do elementar, um desistiu e outro foi dispensado. Este número ínfimo de alunos no elementar, observado uma desistência e uma dispensa, suscita algumas questões: Se era um curso que não necessitava de formação anterior, porque havia menos alunos que o curso médio? Será que a formação de capataz e de agricultor não era bem visto na região? Será que não entendiam a formação oferecida por este curso como importante para desempenhar a função para que se formava? Será que a havia algum tipo de preconceito quanto ao tipo de formação? São questões que não proponho responder....

Observa-se que tínhamos 25 alunos no primeiro ano da ESAV. Em 1930, Lopes (1995) afirma a existência de 27 alunos no curso elementar; 91 no curso médio e 35 no curso superior, ou seja, 153 alunos, três anos após do início da instituição, sendo que a maioria destes estudantes era proveniente de Minas Gerais. Podemos inferir, observando este crescimento estatístico, um aumento de prestígio desta formação frente aos agricultores da região.

É importante frisar a que classe econômica destinava-se a ESAV. Quem

eram os alunos? Tratava-se de todos que quisessem estudar? Teoricamente sim, mas nem todos teriam acesso à ESAV. Lopes (1995) explica que para compreender se os alunos eram filhos de agricultores necessitaria do questionário de ocupação dos pais, o que não foi realizado, além de saber as condições econômicas da família de origem para garantir a inserção de classe dos alunos. Entretanto, vou procurar mostrar que se tratava de alunos provenientes de famílias, no mínimo, da classe média. Para esta análise busco as taxas pagas pelos alunos em 1927. O regulamento mostra que um aluno de outra cidade do ensino elementar, pagaria no mínimo, por semestre, 1:150\$000 (Um conto, cento e cinquenta mil réis/semestre; ou 191\$660 – cento e noventa e um mil, seiscentos e sessenta réis/mês); do curso médio 1:165\$000 (Um conto, cento e sessenta e cinco mil réis/semestre; ou 194\$160 – cento e noventa e quatro mil e cento e sessenta réis/mês); e do curso superior 1:210\$000 (Um conto, duzentos e dez mil réis/semestre; ou 201\$670 – duzentos e um mil, seiscentos e setenta réis/mês). Estes valores, se considerados absolutamente, não nos dizem nada. Se transformarmos para real sem considerar a inflação e as variações cambiais, esses valores se desvalorizam a ponto de não representar nada. Entretanto, podemos compará-los a salários de professores e funcionários, o que nos permite uma sólida idéia de quanto representavam.

Um professor catedrático – responsável por determinada disciplina, recebe mensalmente 1:200\$000 (Um conto e duzentos mil réis/mês). Geralmente o professor catedrático possuía elevada formação na área, sendo em alguns casos, provenientes do exterior, podendo entender esta quantia como sendo uma considerável remuneração. Se compararmos com as despesas semestrais dos alunos podemos inferir, mesmo no curso elementar, uma certa paridade (guardadas as proporções – semestre, para os alunos/mês para os professores), podendo inferir que a população carente não poderia pagar uma quantia semestral equivalente a um mês de salário de um professor catedrático. Outra comparação poderia ser feita com o servente da ESAV que ganhava 180\$000 (cento e oitenta mil réis), sendo que o pagamento mensal de um curso elementar era superior ao salário mensal de um servente.

Neste momento também temos a inexistência de escolas públicas gratuitas em Viçosa. Inicialmente o processo de escolarização se dá através de mestres

escolas, destinadas à elite, semelhante ao processo histórico de outras regiões. As primeiras escolas que temos em Viçosa são: Colégio de Viçosa (1913); Colégio Normal Nossa Senhora do Carmo (1914); Grupo Escolar Coronel Antonio da Silva Bernardes (1916). As duas primeiras instituições tratam-se de entidades privadas, destinadas à elite da cidade. Este fato nos remete mais uma vez que a população carente, até então, estava excluída do meio educacional da cidade; não sendo coerente pensar em presença maciça de alunos de classes populares no início da ESAV.

Considerando o número de alunos que havia na ESAV em seu início – 25 alunos, se compararmos a atualmente, trata-se de uma quantia pouco considerável. Essa “pequena família” que vivia e estudava na ESAV foi essencial para a propagação dos ideais de educação que propagavam nesta instituição, sendo o aluno o esteio para a propagação da instituição na região, e no Brasil. Também proporcionou um contato mais direto entre os alunos, os quais se travam por apelidos, trocavam idéias, se preocupavam uns com os outros, tinham tempo diário para se encontrarem pois não havia aula em tempo integral, havia horários específicos para a prática esportiva, entre outras condições que permitiram a consolidação do “espírito esaviano”.

Relatei anteriormente que a maioria dos alunos era proveniente do Estado de Minas Gerais. Pensando nesses alunos, que ao deixarem suas cidades natais precisariam de um local para se abrigarem em Viçosa, a ESAV nasce com uma estrutura que permite alojar os alunos forasteiros.

O alojamento compreendia-se de apartamentos com no máximo 5 vagas, divididos em seções, sendo que cada seção abrangia apartamentos em 2 andares. Interiormente os apartamentos possuíam uma sala de estudo, quarto de dormir; e exteriormente um banheiro comunitário para cada andar, em cada seção. A escola oferecia o internato, semi-internato e externato. Os dois primeiros eram pagos sendo referente a taxas de internato e de saúde, para o internato; e taxa de pensão para o semi-internato. O internato previa moradia, além das refeições diárias; já o semi-internato, que se destinava aos alunos que queriam passar o dia na escola, oferecia somente as refeições diárias, sendo: almoço, merenda e jantar. É importante frisar que a escola procurava manter o controle

dos alunos, tendo pessoas responsáveis pela portaria do alojamento; não deixando nem o externato de fora, de modo que: “o externato ficará, quanto à residência, sujeito à vigilância da Diretoria da Escola, que poderá exigir a mudança de residência de alunos, por motivo de hygiene ou moralidade”.

A disciplina que referimos acima nos alojamentos foi uma inovação de Rolfs. No regulamento de 21/01/1927 é exposto que “no internato será adoptado o regimen de responsabilidade pessoal dos alumnos (...)”. Esse regime disciplinar dirigido pelos próprios alunos tinha seguinte formação: O alojamento era dividido em seções e cada seção tinha um representante-aluno que se fazia o chefe de seção; e, todos os chefes de seção, acrescido de um professor designado para esta função, formavam um conselho disciplinar. Observa-se que esta formação disciplinar está coerente com o modelo de instituição que se queria formar, pautada em princípios liberais; na qual não seria lógico propor uma disciplina tradicional baseadas em castigos e punições físicas – disciplina externa; mas uma nova forma de entender o indivíduo, como sendo o próprio responsável pelos seus atos, sendo sua consciência e suas práticas seu guia, constituindo-se em um processo interno de disciplina em que os próprios pares são os responsáveis pela disciplina dando exemplos a serem seguidos por todos. Entretanto, não se pode esquecer que havia um conselho disciplinar que regia o alojamento, sendo o aluno o responsável para não infringir o regulamento local para não ser punido por este conselho. Cabe esclarecer que alojamentos já tinham sido alvos de várias tentativas em diversas instituições brasileiras, entretanto, falava-se que somente instituições militares dariam conta de disciplinar os alunos em alojamentos. Entretanto, o Diretor da ESAV lançou a disciplina através da “consciência” do próprio aluno, tendo sucesso nesta empreitada. Leviano seria afirmar que não havia indisciplinas, brincadeiras que desagradavam a diretoria da escola, entretanto, não tenho indício de um acontecimento grave que tenha colocado em risco a dissolução do projeto de alojar os alunos da instituição.

Exposto o quadro docente, a estruturação dos cursos, o número de alunos e os alojamentos, preciso mostrar onde se davam as aulas. Para o início da ESAV foram construídas *“As 67 obras realizadas pela comissão de construção e entregues ao patrimônio da Escola a 28 de fevereiro de 1929, desde os majestosos edifícios, até as estradas, terraplenagens, residências para*

professores e operários, abrigos para máquinas e animais e demais instalações (...). Dentre estas construções temos como marco fundamental o “prédio principal”, denominado atualmente de “Arthur da Silva Bernardes”, inaugurado em 28 de Agosto de 1926, juntamente com a inauguração inicial da Escola na mesma data.

Os Estados Unidos fazia-se presente mesmo nos momentos da construção. A bandeira hasteada no topo do prédio principal, juntamente com a do Brasil, demonstra a união entre estes dois países no ensejo de criar uma instituição capaz de elevar o nome de Minas Gerais nacionalmente, pautado num modelo arrojado de educação agrícola e difundir os métodos e técnicas norte-americanas mundialmente – tratava-se de uma dialética, onde os dois países saiam ganhando.

Tentei deixar, subliminarmente, a idéia de que a ESAV nasce pautada em grandes construções, da melhor qualidade, desde os alojamentos até o prédio principal, possibilitando excelentes condições para que os alunos se desenvolvessem e tornasse atingível o objetivo de implantar uma instituição que fosse referência nacional e possibilitasse proporcionar uma arrancada do cenário agrícola mineiro. Observa-se que à luz do liberalismo, o indivíduo vai receber as condições necessárias para que desenvolva seus conhecimentos e somente dependerá dele para alcançar seu sucesso, o progresso da instituição e da agricultura nacionalmente.

Referências

BORGES, José Marcondes. **Escola Superior de Agricultura: origem-desenvolvimento- atualidade**. Viçosa: Editora da UREMG, 1968.

CAPDEVILLE, Guy. **O Ensino Superior Agrícola no Brasil**. Viçosa: Imprensa Universitária/UFV, 1991.

GONDRA, J. G. Medicina, Higiene e Educação Escolar. In: LOPES, E. M. T; FARIA FILHO, L. M. de & VEIGA, C. G. (Orgs.). **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: autêntica, 2000. p. 519-550.

LOPES, Maria de Fátima. O Sorriso das Paineiras: Construção de gênero em Universidade Rural. **Tese de Doutorado**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. **Viçosa – mudanças socioculturais; evolução histórica e tendências**. Viçosa: UFV, Imprensa Universitária, 1990.

PAVAGEAU, Moacyr. **A origem da UFV, a Escola de Viçosa**. Viçosa: Ed. UFV, 1991.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **UFV 70 anos: a trajetória da escola de Viçosa**. Viçosa: Ed. UFV, 1996.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Cultura Escolar, cultivo de corpos: Educação Physica e gymnástica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920)**. Bragança Paulista, EDUSF, 2002.

Documentos Arquivados:

- Relatório Anual de 1927.
 - Regulamentos da ESAV de 1926 e 1927.
-